

As artes circenses na Educação Física escolar enquanto conteúdo da cultura corporal: suas contribuições para desenvolvimento da expressão corporal e criatividade

Bruno Amaral Ramos*
Alcir Horácio da Silva**

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar de que forma as artes circenses podiam contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da expressão corporal dos alunos nas aulas de Educação Física. Esse estudo foi construído a partir de uma pesquisa de campo, do tipo participante e de natureza qualitativa, realizada com alunos do 3º ano do curso técnico integrado de informática para internet do Instituto Federal de Goiás – Formosa, onde desenvolvemos uma intervenção pedagógica durante um bimestre letivo e trabalhamos os seguintes conteúdos: malabarismo com bolinhas e *flower stick*, rola-rola e cordas. Os instrumentos para coleta de dados foram a observação estruturada, os relatórios das aulas e o questionário. Podemos afirmar, a partir desse estudo, que um bom planejamento, aliado aos aspectos históricos dessas artes, que possuem na sua essência a criatividade e a expressão corporal, bem como um bom processo de mediação, pautado no movimento de ação-reflexão-ação, possibilitou o desenvolvimento de uma Educação Física mais expressiva, criativa, crítica e humana. Desse modo, contribuimos para a formação integral dos alunos, pois a partir do processo de ensino aprendizagem das artes circenses, os alunos passaram a ter melhores condições objetivas para não reproduzirem alguns elementos da sociedade capitalista - competição, exploração, dominação, meritocracia, entre outros - que vem sendo historicamente materializados nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: artes circenses, escola, educação física, expressão corporal, criatividade.

The circus arts in school physical education as content of body culture: their contributions to the development of corporal expression and creativity

Abstract

The objective of this research is to identify in what way the circus arts could contribute to the development of the creativity and the corporal expression in Physical Education classes. This study was based on a qualitative field research carried out with students of the 3rd year of the integrated technical internet computing course of the Federal Institute of Goiás - Formosa, where we developed a pedagogical intervention in a period of two months, approaching the following contents: juggling with balls and flower stick, "rola-rola" and ropes. The instruments for data collection were structured observation, class reports and a questionnaire. We can take from this study that good planning, allied to the historical aspects of these arts, which have in its essence creativity and body expression, as well as a good process of mediation, based on the action-reflection-action movement, made possible the development of a more expressive, creative, critical and human Physical Education. In this way, we contribute to the integral formation of students, since from the learning process of the circus arts, they have better objective conditions for not reproducing some elements of capitalist society - competition, exploitation, domination, meritocracy, among others - that have been historically materialized in Physical Education classes.

Keywords: circus arts, school, physical education, physical expression, creativity.

* Graduado em Educação Física (UEG-ESEFFEGO), pós-graduado em Educação Física Escolar (UFG) mestre em Educação Básica (CEPAE-UFG), professor do Instituto Federal de Goiás (IFG). E-mail: brunoformigacefet1@hotmail.com.

** Graduado em Educação Física pela Universidade Gama Filho-RJ. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - FAGED/UFBA. Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG). E-mail: halcir@yahoo.com.br.

Introdução

O presente estudo foi construído a partir de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, realizada com alunos do 3º ano do curso técnico integrado de informática para internet do Instituto Federal de Goiás – Formosa. O problema que instigou esse trabalho foi: de que forma as artes circenses podiam contribuir para o desenvolvimento da expressão corporal e da criatividade dos alunos nas aulas de Educação Física. O objetivo geral da pesquisa foi identificar de que forma as artes circenses podiam contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da expressão corporal dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. Os objetivos específicos foram: aprofundar os conhecimentos sobre o histórico e as definições da Educação Física e das artes circenses; apresentar as contribuições das artes circenses para o desenvolvimento da criatividade e da expressão corporal; aprofundar os conhecimentos sobre metodologias de ensino, buscando aquelas que podiam contribuir para o desenvolvimento da expressão corporal e da criatividade dos alunos da educação básica e construir um produto educacional, minicurso direcionado aos professores Institutos Federais de Goiás, que contribua com as suas práticas educacionais dentro do contexto escolar.

Estudamos nesse trabalho, desde o histórico das artes circenses, do circo e da Educação Física, perpassando os conceitos de expressão corporal e criatividade até chegar à pesquisa de campo, onde desenvolvemos uma intervenção pedagógica durante um bimestre letivo e trabalhamos os seguintes conteúdos: malabarismo com bolinhas e flower stick, rola-rola e cordas. Os instrumentos para coleta de dados foram a observação estruturada, os relatórios das aulas e o questionário.

A intervenção na escola ocorreu no 2º bimestre letivo, nos meses de maio e junho, do ano de 2015. A fim de diagnosticar melhor a realidade escolar, buscamos, inicialmente, fazer anotações sobre a estrutura, quantidade de alunos, a existência, ou não, de necessidade especial, entre outras questões. A observação estruturada “[...] é usada na pesquisa qualitativa quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traço(s) específicos do fenômeno que se estuda [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 153).

A avaliação se deu de forma processual: rodas de diálogo no início, durante e ao término das aulas e através de um relatório no final de cada encontro buscando avaliar se: 1) os objetivos planejados foram alcançados, 2) a metodologia utilizada conseguiu

fazer a turma participar de todo processo, 3) a partir do processo de ensino-aprendizagem os alunos conseguiram desenvolver sua criatividade e expressão corporal.

Ao final da pesquisa utilizamos de questionários pela facilidade de interrogar um elevado número de pessoas ao mesmo tempo, além do mais os questionários são de suma importância para recolher informações sobre um determinado tema (GIL, 2008). A partir da relação desses instrumentos com as observações, aulas e relatórios, os dados foram coletados para posterior análise e diálogo com os referenciais teóricos.

Podemos afirmar, a partir desse estudo, que um bom planejamento, aliado aos aspectos históricos dessas artes, que possuem na sua essência a liberdade de movimentos, a criatividade, a expressão corporal, bem como um bom processo de mediação, pautado no movimento de ação-reflexão-ação, possibilitou o desenvolvimento de uma Educação Física mais expressiva, criativa, crítica e humana..

Fundamentação teórica

Historicamente a Educação Física vem sendo influenciada pelas áreas biológicas e militares. Desde meados do século XIX (Carmen Soares, 2004; Coletivo de Autores, 2009; Jocimar Daolio, 2010; Valter Bracht... [ET alii.], 2003), a Educação Física tem sido considerada como sinônimo de exercício físico, higiene, saúde e esportes, sendo que ela foi influenciada diretamente pelo desenvolvimento social, cultural, político e econômico. Dentro dessa lógica essa disciplina se adequou aos interesses capitalistas, utilizando de diferentes meios – mídia, marketing, relações mercadológicas, enfim a indústria cultural no geral – objetivando o lucro como resultado final. Dentro desse contexto podemos afirmar que ao longo dos anos a criatividade e a expressão corporal ficaram em segundo plano.

A expansão da Educação Física foi se consolidando de acordo que o mercado foi se apropriando de suas possibilidades para gerar novas ações mercadológicas, sendo que, no contexto atual as ideias de saúde, estética, esporte e lazer estão muito difundidas como meios para que as pessoas tenham o que se tem chamado de “qualidade de vida”. (VIEIRA NETO, 2009, p. 1020).

A arte circense, juntamente com a dança, luta, ginástica, esporte, jogo, mímica, é um dos conteúdos da cultura corporal construídos historicamente e culturalmente

(COLETIVO DE AUTORES, 2009). Logo, entendemos ser de suma importância ensinar esse conteúdo nas aulas de Educação Física a fim de contribuir para o desenvolvimento do acervo cultural, motor, cognitivo e da expressão corporal e da criatividade dos alunos.

O surgimento das artes circenses perpassa milhares de anos, sendo considerada uma modalidade que sempre valorizou a criatividade em oposição aos modelos (higienista, militares, ginástico, esportivizados, entre outros) de educação física voltados para o rendimento e resultado. Já o circo, da forma que conhecemos, vem a se estruturar apenas a partir do final do século XVIII como “uma atividade que exerce grande fascínio na sociedade europeia do século XIX. Ali o corpo é o centro do espetáculo de todas as ‘variedades’ apresentadas pela multifacetada atuação de seus artistas” (SOARES, 2002, p. 23).

Nos escritos sobre a ginástica científica no século XIX encontra-se, de modo sistemático, a negação de elementos cênicos, funambulesco, acrobáticos. Encontra-se, sobretudo, uma retórica de recusa aos espetáculos próprios do mundo circense e das festas populares onde o corpo ocupa o lugar central. (SOARES, 2002, p. 25).

Assim, podemos perceber que a Educação Física veio, ao longo da história, sendo usada como prática voltada para a produtividade enquanto as artes circenses desde o seu surgimento buscaram contribuir no desenvolvimento da expressão corporal, criatividade, movimentos livres e que despertassem a alegria e o encantamento. “Desse modo, práticas corporais realizadas nas feiras, nos circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes e anões despertavam sentimentos ambíguos de maravilhamento e medo passam a ser observadas de perto pelas autoridades” (SOARES, 2002, p.23).

Mesmo com os avanços obtidos na seleção e aplicação de novos conteúdos na escola, ainda percebemos um predomínio do ensino dos esportes pelos professores de Educação Física nesses espaços. Betti (1999, p.25) diz que: “o esporte tornou-se, nas últimas décadas, o conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, porém apenas algumas modalidades esportivas são eleitas pelos professores”.

A problemática não gira em torno da utilização dos esportes nas aulas de Educação Física, mas sim no uso exclusivo desse conteúdo e de forma repetitiva e sem reflexão por parte dos professores. Assim, os alunos não encontram sentidos/significados nas práticas corporais desportivas, ficando eles desestimulados

para as aulas. O problema relaciona-se também à forma pela qual o esporte tem sido trabalhado, ou seja, num viés tradicional, pois com seu alto nível de regulamentação e orientação para o resultado, ele acaba por banir possibilidades criativas, em nome do ensino meramente tecnicista do gesto (KUNZ, 2010).

A partir da utilização das vivências e experimentações de cada aluno existe uma maior possibilidade de que as artes circenses possam ser compreendidas em seus sentidos e significados, possibilitando que todos participem integralmente do processo de ensino-aprendizagem desses conteúdos (DUPRAT, 2010, BORTOLETO, 2010).

A partir dos conteúdos utilizados nas aulas e das metodologias de ensino buscamos desenvolver a expressão corporal e criatividade dos alunos. Podemos afirmar que embora esses dois termos possuam suas características específicas, no campo da Educação Física eles estão diretamente interligados numa relação que vem beneficiar o desenvolvimento dos alunos numa totalidade indissociável.

A expressão corporal na educação deve ser entendida como uma prática pedagógica que leve os alunos a encontrar um caminho para a criatividade. Ela proporciona o aprendizado através da manifestação da imaginação criativa na realidade, pois reúne a sensibilização e a conscientização por meio de movimentos, posturas e atitudes (SILVA, 2012, p. 133).

Existem diversas formas de conceituar criatividade, mas a maioria dos autores relaciona essa palavra ao novo, inventado, descoberto. Entretanto, não podemos simplesmente entender a criatividade como uma inspiração divina ou iluminação momentânea. Entendemo-la, no contexto específico da Educação Física, como fruto de muito trabalho, reflexão e diálogo mediador entre professor e alunos, pois ela também é conhecimento e contribui para que possamos internalizar os diferentes conteúdos da cultura corporal.

É corrente no senso comum a ideia de que a criatividade é algo que nasce com o indivíduo, e de que os artistas, aos quais se atribui a qualidade de gênios criativos por excelência, distanciam-se da maioria da população por possuírem um “dom inato” para criar. Tal concepção baseia-se também na ideia de que criatividade é algo latente, algo que pode “brotar”, manifestar-se naturalmente, desde que o meio ofereça condições favoráveis para tanto, como deixar a pessoa livre, deixá-la ser o que ela é [...] (ZANELLA, ET alii, 2003, p. 146).

Schwartz (1997, p. 105) diz que a expressão corporal é a: “[...] maneira de estar e ser no mundo, carregado de sentimentos, afetos e buscas, muitas vezes contido, durante o processo de escolarização, encarando o homem como ser simbólico, mas, além disto, como portador de razão, emoção e imaginação”. Para o Coletivo de Autores (2009) é a partir da expressão corporal que exteriorizamos todas as práticas corporais historicamente construídas pela humanidade. Já Duprat (2004) afirma que a expressão corporal:

[...] contribui na construção de um conhecimento mais artístico, não apenas da técnica das modalidades circenses, mas sim o como podemos transformar esta técnica em algo gracioso, engraçado, belo. Assim, podemos trabalhar com diversas vertentes do teatro, desde trabalho vocal até um trabalho mais específico, como o caso do palhaço (DUPRAT, 2004, p. 18).

Podemos afirmar que a criatividade e expressão corporal apresentam características específicas se analisadas de forma isolada. Porém, dentro da área da Educação Física esses termos possuem uma relação de interdependência de forma dialética, ou seja, para desenvolver a criatividade é necessário usarmos nosso corpo e todas suas diferentes expressões corporais, assim como se faz necessário criar diversos movimentos previamente para podermos nos expressar corporalmente. É importante reforçar aqui que não devemos trabalhar esses conceitos forma pragmática, é necessário também mostrar seus valores educacionais para a nossa sociedade. Em outras palavras, temos que apresentar uma visão mais ampliada buscando uma reflexão crítica que possa levar os alunos a desenvolverem atividades mais autônomas, livres e até mesmo emancipadas.

Metodologia

De início, é preciso deixar claro que a escolha de um objeto de estudo é um ato político, bem como as opções epistemológicas. Assim, é impensável uma ciência neutra, que esteja fora dos embates reais na sociedade classista (FRIGOTTO, 1987). Nesse sentido, fazemos uma escolha política ao reconhecermos que o método mais adequado para direcionar o objeto de estudo proposto é o método dialético, alicerçado no Materialismo Histórico-Dialético. Compreendemos a dialética como uma postura, um método e uma práxis. Frigotto (1987) faz esta demarcação quando apresenta:

[...] a dialética materialista histórica enquanto uma postura, ou concepção de mundo; enquanto um método que permite uma apreensão radical (que vai à raiz) da realidade e, enquanto práxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca da transformação e de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica (FRIGOTTO, 1987, p. 73).

Nesta perspectiva, não partimos do Materialismo Histórico-Dialético como uma corrente, mas entendemos que:

[...] a dialética, para ser materialista e histórica, não pode constituir-se numa ‘doutrina’ ou numa espécie de suma teológica. Não se pode constituir numa camisa de força fundada sob categorias gerais não-historicizadas. Para ser histórica tem que dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular. Isso implica dizer que as categorias totalidade, contradição, mediação, alienação não são apriorísticas, mas construídas historicamente (FRIGOTTO, 1987, p. 73).

Essa pesquisa se configurou como qualitativa, pois atendeu em grande parte às suas características: tem o ambiente natural como fonte direta dos dados; o pesquisador como instrumento-chave; a pesquisa qualitativa é descritiva; há uma preocupação com o processo e não simplesmente com o produto; os dados são analisados indutivamente; e, por fim, o significado é a preocupação essencial na abordagem definida (TRIVIÑOS, 1987). Os pesquisadores qualitativos, em suma, dão importância ao significado na tentativa de compreender a perspectiva dos participantes.

O estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa de campo, do tipo participante. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: observação estruturada, relatórios ao final da aula e questionário ao final da pesquisa. Os sujeitos pesquisados foram os alunos da turma do 3º ano do Curso Técnico Integrado de Informática para Internet do Instituto Federal de Goiás – Formosa.

A cada participante foi apresentado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (em anexo) e um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), contendo orientações sobre a pesquisa e sobre a forma de sua participação. Esses documentos têm como objetivo garantir, a partir da anuência dos sujeitos, a participação na pesquisa, autorizando registros escritos e aplicação de questionário para análise dos dados, bem como a divulgação do estudo em trabalhos e eventos científicos. Somente após estes esclarecimentos, é que o participante e/ou o responsável autorizou sua participação na pesquisa. A retirada do consentimento de participação na pesquisa poderia ocorrer em qualquer momento. Foram garantidas a privacidade e a

confidencialidade dos sujeitos da pesquisa através da utilização de nomes fictícios. Os participantes da pesquisa puderam a qualquer momento e sempre que houvesse necessidade solicitar informações sobre os dados e os resultados da pesquisa.¹

Na primeira aula da pesquisa, apresentamos o plano de ensino para a turma buscando deixar claros os objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação. Em seguida, os alunos construíram um texto falando sobre o que entendiam por Educação Física, quais conhecimentos dessa disciplina já vivenciaram na escola e se em algum momento eles haviam praticado conteúdos das artes circenses nesse ambiente. No final da aula, apresentamos sucintamente a abordagem Crítico Superadora usada como fundamentação teórico- metodológica para o desenvolvimento da pesquisa.

Estudamos, na segunda aula, o histórico da Educação Física, das artes circenses e do circo. Apresentamos a forte influência inicial das áreas militares e médica até a institucionalização dessa disciplina na escola a partir dos conteúdos ginástica e esporte. Objetivamos, dessa forma, confrontar os saberes do senso comum, apresentados pelos alunos, com os conhecimentos científicos (SOARES, 2004; COLETIVO DE AUTORES, 2009; DAOLIO, 2010; BRACHT, 2009), a fim de desconstruir a visão de Educação Física que até então possuíam. Para tanto, lançamos mão das artes circenses enquanto conteúdos da cultura corporal que apresentam na sua essência movimentos livres, criativos e expressivos (SOARES, 2002).

Após a observação e o diagnóstico inicial, começamos a intervenção pedagógica com a turma. Foram realizadas 16 aulas, com dois encontros semanais e duração de 1 h e 30 minutos cada. Buscamos identificar de que forma as artes circenses podem contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da expressão corporal dos alunos.

Percebemos, a partir da leitura dos textos, que os alunos, de forma geral, apresentavam uma visão de Educação Física restrita, ou seja, como sinônima de esporte e/ou recreação. Na maioria das produções textuais, vimos frases tais como: *Educação física é esporte. Educação Física é um momento livre para lazer*. Esse entendimento limitado da Educação Física deve-se às influências históricas e socioculturais que a mesma tem sofrido. Vimos que ao longo dos anos essa disciplina foi utilizada sob uma perspectiva militarista e médica, com uma supervalorização do viés biológico. Buscava-se formar corpos mais produtivos que viessem atender às necessidades de uma mão de

¹ O número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) confirmando que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética é: 41933515.6.0000.5083.

obra barata, massificada e que não questionasse a exploração do sistema vigente (COLETIVO DE AUTORES, 2009, BRACHT 2009, SOARES, 2002).

A partir desse diagnóstico inicial, estudamos, na segunda, aula o histórico da Educação Física, das artes circenses e do circo. Apresentamos a forte influência inicial das áreas militares e médica até a institucionalização dessa disciplina na escola a partir dos conteúdos ginástica e esporte. Procuramos, dessa forma, confrontar os saberes do senso comum, apresentados pelos alunos, com os conhecimentos científicos (SOARES, 2004; COLETIVO DE AUTORES, 2009; DAOLIO, 2010; BRACHT, 2009) a fim de desconstruir a visão de Educação Física que até então possuíam. Para tanto, lançamos mão das artes circenses enquanto conteúdos da cultura corporal que apresentam na sua essência movimentos livres, criativos e expressivos (SOARES, 2002).

Aproveitamos a oportunidade para enfatizar que, a partir da abordagem pedagógica adotada, entendemos a Educação Física como disciplina curricular que deve socializar de forma sistematizada os conteúdos da cultura corporal (jogos, esporte, dança, lutas, ginástica, artes circenses, entre outros) a fim de contribuir para a formação integral dos alunos. Mostramos, também, que ao apresentar as artes circenses, não estávamos negando os outros conteúdos da cultura corporal, por exemplo, o esporte, mas, sim, possibilitando a ampliação do acervo sociocultural e motor dos mesmos (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Após esse suporte teórico, buscamos vivenciar alguns conteúdos das artes circenses nas aulas de Educação Física: malabarismo com bolinhas (cinco aulas), malabarismo com bastões ou *flower stick* (quatro aulas), rola-rola (duas aulas) e cordas (duas aulas).

Utilizamos na primeira aula de malabarismo com bolinhas de dinâmicas em grupos, desafios e jogos circenses que possibilitaram uma melhor troca de conhecimentos entre eles, pois percebemos que a turma era bastante participativa, unida e colaborativa. Entendemos que esses elementos utilizados para o desenvolvimento da aula são importantes para diminuir as tensões durante o processo educativo. Por exemplo, a partir dos jogos circenses e das dinâmicas em grupos é possível retirar a ênfase nos resultados e na análise individual do aprendizado, respectivamente, ou seja, esses instrumentos possibilitam aulas mais participativas e com ênfase nas ações coletivas que levam ao aprendizado.

Na segunda aula dessa unidade didático metodológica, buscamos introduzir o movimento do “x” que consiste em segurar duas bolinhas, uma em cada mão, e realizar o cruzamento delas no ar. Para obtermos mais êxito nessa vivência, mostramos dois vídeos explicativos que dão ênfase no posicionamento do corpo: pés paralelos na largura dos ombros, braços estendidos com o cotovelo formando um ângulo de 90° e também ensinam técnicas historicamente construídas para executar essa ação: controle de tempo, ritmo, altura dos lançamentos, direção (BORTOLETO, 2010; DUPRAT e GALLARDO, 2010; AYALA, 2008). Em seguida, fomos experimentar o movimento do “x” onde não consideramos como certas apenas as técnicas que vimos nos vídeos, pois acreditamos que, assim, estamos possibilitando a criação de novos meios de realizar o malabarismo com bolinhas o que contribuirá para o melhor desenvolvimento da expressão corporal criativa que objetivamos.

Buscamos, durante a terceira, quarta e quinta aulas desse conteúdo, praticar o movimento do “x”, introduzir a terceira bola de malabares (quando a segunda bola lançada estiver começando a cair fazemos o terceiro lançamento), trocar experiências, aperfeiçoar os movimentos com três bolas, além de criar técnicas e movimentos. Ao final da última aula do malabarismo com bolinhas, percebemos que todos os alunos internalizaram os movimentos básicos para equilibrar três bolinhas no ar, sendo que apenas três não conseguiram ao final dessas vivências realizarem uma sequência sincronizada de movimentos.

Na oitava e nona aula do sequenciador, trabalhamos o rola-rola. Tivemos como objetivos: vivenciá-lo; construir e ensinar técnicas para equilibrar-se em cima dele e praticá-lo de forma a possibilitar a junção dessas práticas corporais com os malabarismos, bolinhas e bastões (AYALA, 2008; DUPRAT; GALLARDO, 2010). No início da primeira aula desse conteúdo, falamos sobre os cuidados que devemos ter para praticar o rola-rola. Mostramos fotos e vídeos para ilustrar melhor essas questões de segurança. Antes de deixar os alunos vivenciarem esse conteúdo, reunimos a turma em círculo para demonstrarmos e ensinarmos algumas técnicas: a) pés espaçados na largura dos ombros e base um pouco abaixada; b) subir na tábua apenas quando uma ponta dela estiver no chão; c) movimentar o corpo como um todo visando reequilibrar o centro de gravidade a partir do momento em que há deslocamento da tábua no cilindro (equilíbrio dinâmico); d) realizar a atividade com auxílio do colega ou da parede (AYALA, 2008).

Objetivamos na segunda aula praticar o rola-rola. Num primeiro momento, dividimos a turma em duplas para trocarem experiências, sendo que a cada 5 minutos invertiam as posições. Nessa parte da aula, deixamos os alunos experimentarem apoiar na parede para equilibrar-se em cima do rola-rola. Na última parte, desafiamos aqueles alunos que estavam com mais facilidade a realizar malabarismo com bolinhas em cima do rola-rola.

Entre a décima e décima terceira aula, buscamos construir o malabares *flower stick*; vivenciar esse tipo de malabarismo; socializar técnicas para equilibrá-lo no ar e criar novas técnicas para equilibrá-lo no ar. Entendemos que a construção desse elemento, bem como a sua vivência de forma sistematizada e dosada no ambiente escolar, contribui para o desenvolvimento omnilateral dos alunos que buscamos. Percebemos que a partir do processo de ensino-aprendizagem que se baseia na noção de totalidade - participação em todo processo de construção dos seus próprios malabares, manipulação através de técnicas que poderão ser construídas individualmente e/ou coletivamente e trocas de experiências - estaremos levando aos alunos novos sentidos e significados para as suas práticas corporais em diferentes ambientes (SILVA, 2012; COLETIVO DE AUTORES, 2009; SOARES, 2002).

Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. A formação humana nesta perspectiva busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico, em outras palavras, abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos não são simplesmente dados pela natureza (FRIGOTTO, 2012).

Assim, ao compreendermos o ser humano numa visão omnilateral, estamos contrapondo a concepção burguesa que nos entende como sujeitos sem histórias, individualistas e competitivos.

Tal compreensão de ser humano é o oposto da concepção burguesa centrada numa suposta natureza humana sem história, individualista e competitiva, na qual cada um busca o máximo interesse próprio. Pelo contrário, pressupõe o desenvolvimento solidário das condições materiais e sociais e o cuidado coletivo na preservação das bases da vida, ampliando o conhecimento, a ciência e a tecnologia, não como forças destrutivas e formas de dominação e expropriação, mas como patrimônio de todos na dilatação dos sentidos e membros humanos (FRIGOTTO, 2012, p. 268).

Na décima primeira aula, terminamos de construir o *flower stick* (bastão central e os dois laterais) e, em seguida, vivenciaram esse elemento a partir dos seus conhecimentos prévios. Nessa aula, não ensinamos técnicas para equilibrar esses malabares no ar, facilitando assim o processo de criação de movimentos logo após experimentarem e apreenderem os métodos de manipulação historicamente desenvolvidos (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Na décima segunda aula, partimos, inicialmente, da vivência de cada um e, em pequenos grupos, eles trocaram experiências. Em seguida, reunimos a turma no círculo para ensinamos algumas técnicas historicamente construídas para equilibrar o malabares no ar: 1) agachados ou com o bastão central em cima de algum objeto reto, segurar as duas madeiras laterais deitadas e de forma perpendicular ao bastão central (coberto por câmara de ar) que estará em pé; 2) Bater no bastão central, na parte superior, de forma que ele desloque entre as madeiras laterais; 3) Controlar a força das duas mãos para que o malabares possa deslocar-se entre as duas baquetas laterais.

Na última aula desse conteúdo, buscamos continuar a sua prática sistematizada a partir de pequenos grupos. Na metade da aula, fizemos um círculo de conversa com a turma a fim de dialogar sobre as dificuldades apresentadas. No círculo final, avaliamos o desenvolvimento geral do conteúdo.

Trabalhamos na décima quarta e décima quinta aulas com o conteúdo corda. Buscamos nessas intervenções vivenciar e praticar atividades com as cordas simples e cordas duplas e possibilitar a criação de movimentos a partir dos conhecimentos dos alunos. Primeiramente, tentaram passar individualmente correndo por baixo; em seguida, foram desafiados a fazer a mesma atividade em pequenos grupos até o limite de pessoas que conseguissem. Após essas vivências, que possibilitam o melhor controle do tempo e ritmos da batida da corda, desafiamos a turma a pular duas cordas batidas simultaneamente (enquanto uma está na altura da cabeça, a outra está tocando o chão).

Na última aula desse conteúdo, praticamos as cordas duplas num primeiro momento. Em seguida, desafiamos os alunos a entrarem pulando-as em movimento e, por fim, os levamos a criarem pequenas coreografias em grupos. A partir da observação e do diálogo com a turma, percebemos que entre todos os conteúdos esse foi mais facilmente apreendido. Entendemos que as vivências anteriores dos alunos, a partir de brincadeiras tradicionais com cordas, facilitaram o processo de ensino-aprendizagem

dos movimentos mais complexos, cordas duplas, além de contribuir para a criação, individual ou coletiva, de novas técnicas (COLETIVO DE AUTORES, 2009, DUPRAT; GALLARDO, 2010).

No último dia da pesquisa, aplicamos um questionário semiaberto com a turma, porém tivemos que reaplicá-lo em outro momento por dois motivos: primeiramente, no dia marcado apareceram poucos alunos e, segundo, pelo fato de termos feito algumas alterações nas perguntas.

Considerações finais

A análise dos dados da pesquisa de campo mostrou-nos que as artes circenses, se bem trabalhadas nas aulas de Educação física, contribuem para o desenvolvimento da expressão corporal, criatividade, solidariedade, entre outras competências que tenderam a somar para a formação, crítica, reflexiva, humana, enfim, omnilateral dos alunos.

Buscamos com esse estudo identificar de que forma as artes circenses podiam contribuir para o desenvolvimento da expressão corporal e da criatividade. Para alcançarmos esse objetivo, perpassamos pelo histórico desses conteúdos e da Educação Física, apresentamos possíveis relações dessas artes com as principais abordagens pedagógicas dessa disciplina e aprofundamos nossos conhecimentos acerca das metodologias de ensino.

Em relação ao histórico das artes circenses, vimos que são práticas milenares que ao longo dos anos privilegiaram movimentos expressivos, criativos, livres e não utilitários, sendo, dessa forma, totalmente aplicáveis à escola que tem por função socializar os saberes construídos ao longo da história de forma sistematizada e dosada (SAVIANI, 2008). Em contrapartida, vimos que a Educação Física vem sendo influenciada historicamente pelas áreas médicas e militares e sua institucionalização no ambiente escolar deu-se através dos conteúdos ginásticos e esportivos que valorizam os gestos mecânicos, padronizados e com caráter de utilidade a fim de adestrar e fortificar os corpos para atender aos interesses do sistema capitalista (COLETIVO DE AUTORES, 2009; BRACHT, 2009; SOARES, 2002; BETTI, 2009).

Nessa perspectiva, vale salientar que defendemos um processo de ensino-aprendizagem a favor das classes sociais subalternas. Em outras palavras, acreditamos que a partir das nossas aulas podemos contribuir para uma formação crítica, reflexiva e

transformadora do nosso meio a fim de apresentar mudanças concretas a favor dos menos favorecidos. Assim, percebemos a necessidade de elaborarmos um planejamento com coerência didático-metodológica e que apresente sentidos e significados, pois, dessa forma, estaremos contribuindo para os alunos se expressarem, criarem e sentirem-se sujeitos socioculturais que possam, com o passar do tempo, ser capazes de se posicionarem de forma crítica e reflexiva diante do sistema. Isso significa que a partir dos conteúdos da cultura corporal: esportes, dança, lutas, ginástica, artes circenses, entre outros podemos contribuir para o desenvolvimento omnilateral dos alunos (COLETIVO DE AUTORES, 2009; SOARES, 2002, SAVIANI, 2008).

A partir das intervenções pedagógicas, podemos afirmar que realmente os alunos possuem interesse em aprender conteúdos novos (DARIDO e ROSÁRIO, 2005; BETTI, 1999). Assim, vemos que as artes circenses podem ser vivenciadas no ambiente escolar, pois tratam de conhecimentos da cultura corporal historicamente produzido e que devem ser culturalmente socializados a fim de romper com o modelo de Educação Física baseado apenas no viés biológico e esportivo.

Sabemos que a Educação Física vem sendo influenciada, principalmente, pelas áreas biológicas e esportivas, com uma supervalorização da estética, busca do corpo perfeito a todo custo, competição, seleção dos melhores, entre outras características. No entanto, por acreditarmos numa Educação Física para todos, sem distinção de gênero, raça, competência técnica etc., defendemos a utilização das artes circenses no ambiente escolar, pois elas não possuem na sua essência características excludentes, competitivas, seletivas etc., podendo, assim, a partir de um ensino sistematizado e organizado, oporem-se aos conteúdos esportivos hegemônicos que têm sido difundidos, largamente, nas escolas sem a devida reflexão.

Mesmo cientes de que as artes circenses por si só não têm autonomia para contribuir para o desenvolvimento da criatividade e expressão corporal, percebemos que seu histórico ligado aos movimentos livres, expressivos e criativos contribui para sua legitimação no ambiente escolar desde que esteja atrelada à sua socialização de forma sistematizada, sequenciada, com objetivos claros e que busquem a participação e desenvolvimento de todos.

A partir da exigência e necessidade de construirmos um produto educacional que possibilite transformar práticas educacionais dentro do contexto escolar, elaboramos um

minicurso com duração de oito horas, dois encontros de quatro horas, direcionado aos professores de Educação Física dos Institutos Federais de Goiás. Os objetivos desses encontros foram: estudar o histórico da Educação Física e das artes circenses; problematizar a seleção de alguns conteúdos em detrimento de outros nas aulas dessa disciplina; socializar de forma sistematizada o malabarismo, rola-rola e cordas, elementos das artes circenses pertencentes à cultura corporal; analisar e avaliar as artes circenses como conteúdos capazes de contribuir para o desenvolvimento da expressão corporal e criatividade.

Esperamos com este trabalho contribuir para ampliação da socialização sistematizada e sequenciada desses elementos da cultura corporal de forma crítica, por acreditarmos numa Educação Física para todos, sem distinção de gênero, raça, competência técnica. As artes circenses encaixam-se nesse perfil por não apresentarem na sua essência características excludentes, competitivas, seletivas etc., podendo, assim, contribuir para o desenvolvimento omnilateral dos alunos.

Referências

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor? *Motriz*, v.1, n.1, 1999. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n1/4_Irene_fom.pdf> Acesso em 04 de maio de 2015.

BETTI, Mauro. *Educação Física e Sociedade: A Educação Física na escola brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. *Introdução à Pedagogia das Atividades Circenses*. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2010.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

DAOLIO, Jocimar. *Educação física e o conceito de cultura*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina; ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. *Motriz*, Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/10LRF.pdf>> Acesso em: 21.08.2015.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. *Artes Circenses no Âmbito Escolar*. Ijuí: Unijuí, 2010.

_____. *A arte circense como conteúdo da educação física*. Campinas: Unicamp, 2004. (Relatório Final de Atividades de Iniciação Científica).

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Trabalho e conhecimento, dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez, 1987.

_____. Educação omnilateral. In: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GIL, António Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. Ed. São Paulo, Editora Atlas S.A, 2008.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático pedagógica do Esporte*. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes europeias e Brasil*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. 2 Ed. Campinas- Sp: Autores Associados, 2002.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Linguagem corporal de expressão da criatividade e seu (des)envolvimento na educação física. *Motriz*, v. 3, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n2/3n2_ART06.pdf> Acesso em 20 de novembro de 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA NETO, João Martins. Educação Física e indústria cultural. *Estudos*, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1019-1044, 2009.

ZANELLA, Andréa Vieira; DAROS, Sílvia Zanatta; REIS, Alice Casanova; FRANÇA, Kelly Bedin. Concepções de criatividade: movimentos em um contexto de escolarização formal. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 143-150, 2003.

Recebido em: 13 out. 2017.

Aceito em: 13 nov. 2017.